

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

setembro - dezembro de 2017

número 24

ISSN: 2176-5960

PROLEGÔMENOS INTERPRETATIVOS AO PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA

Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz
Prof. do Depto. de Letras Vernáculas/
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Doutor e Pós-doutor em Teoria da Literatura
cjcejapiassu4@gmail.com

Resumo: O que é de veras espantoso no pensamento do filósofo francês Jacques Derrida é a quantidade de conceitos e dogmas postos em xeque nos seus escritos. O nível indagatório do questionamento crítico é de tal modo elevado que nos resta perguntar: escapa alguma resposta ou conclusão? Ou, melhor: qual o propósito de tamanha negação? Neste sentido, principalmente a partir do estudo do ensaio *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas*, o qual compõe a obra *A escritura e a diferença*, propomos uma reflexão de noções filosóficas que se colocam como, a nosso ver, *partis pris* teórico de seu método de pensamento; entre elas, focamos o trabalho no logos, no pós-estruturalismo e na escritura.

Palavras-chave: Jacques Derrida. Pós-estruturalismo. Escritura.

Abstract: What is truly amazing in the thought of the French philosopher Jacques Derrida is the amount of concepts and dogmas put in check in his writings. The level of his investigative critical questioning is so large that what is left to ask ourselves: escapes an answer or conclusion? Or rather: what is the purpose of such denial? In this regard, mainly from the study of the essay *The structure, the sign and the play in the discourse of Human Sciences*, which composes the book *The scripture and the difference*, we propose a reflection of philosophical notions that arise as in our view, theoretical *partis pris* of his method of thinking; among them, we focus our work in the Logos, in the post-structuralism and in the scripture.

Keywords: Jacques Derrida. Post-structuralism. Scripture.

“A arte existe para não morrermos da verdade”

Nietzsche

Introdução

No capítulo “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas” do livro *A Escritura e a Diferença*, Derrida afirma: “O conceito de estrutura centrada [...] é contraditoriamente coerente” (2014, p. 408). Sem ainda me ater à noção de centro e estrutura, gostaria de ressaltar a expressão “contraditoriamente coerente”. Ela, a meu ver, é típica do modo como Derrida trabalha a formulação de seus conceitos. Como algo pode ser contraditoriamente coerente? Não seria um paradoxo em termos? Um oxímoro, mera figura de linguagem sem poder definitório? Ou então, e o mais interessante, um meio de expressar uma ideia de uma maneira com a qual não estamos acostumados, tornando-a, desta forma, hermética, obscura? Nesse exemplo, deparamos-nos com uma espécie de opacidade da linguagem que nos põe em xeque com uma dita clareza lógica de raciocínio. Se alguém disse que clareza é a gentileza do filósofo, Derrida poderia ser chamado de pensador tosco. Mas o que poderia ser entendido como lógico?

A questão que se impõe é a de que o pensador argelino-francês não concebeu conceitos que se definem enquanto identidades afirmativas; antes podemos dizer que ele cria “quase conceitos”, aos quais se atribui a qualidade de “indecidíveis”. É o caso, por exemplo, da noção de “rastro”, assim como da do neologismo “*différance*”. Noções estas que não expressam um sentido definitório e acabado, ou seja, a representação precisa de um significado. É neste âmbito que interpretamos esses “quase conceitos” como movimentos e/ou estratégias de leitura e abordagem, cuja função seria de desconstruir estruturas textuais e discursivas que firmam seus sentidos como verdades incorruptíveis, expondo, assim, sua presença com a ilusão de uma correspondência clara com o mundo exterior que almeja representar.

Nossa intenção neste artigo é, portanto, realizar uma reflexão histórico-filosófica (a qual intitulamos como “Prolegômenos Interpretativos”) acerca do contexto de ideias no qual transita a Teoria Desconstrutiva de Jacques Derrida, observando sempre que tal teoria, a qual seria melhor denominar como uma atividade, tem seu ímpeto numa postura ético-política que

repercute e enfrenta agudamente as problemáticas que o mundo ocidental vem enfrentando desde o contexto histórico pós segunda guerra mundial até a contemporaneidade.

I – Logos

As pessoas inseridas dentro de um padrão de normalidade lúcida costumam pensar, falar, escrever e agir de modo lógico, como *animais racionais*. Isto é o que nos ensinam desde os gregos. Estes criaram uma metafísica – uma ideia geral da física, ou do mundo – que governa a civilização ocidental até hoje. Melhor dizendo, a civilização tecnocientífica. É a criação da imagem de um mundo por um tipo de lógica. Esse impulso racional, generalizado pela metafísica, é que criaria o logos, o conhecimento, no decorrer da história. Para o pré-socrático Heráclito de Éfeso, o logos seria uma revelação do mundo, sua fórmula unificadora e proporcional de disposição das coisas. Uma regra de conduta, ou um princípio físico constituinte. Para ele, “os homens deveriam tentar compreender a coerência subjacente das coisas: ela está expressa no logos – fórmula ou ordenação comum a todos eles”¹.

Esse descobrir, conhecer uma essência que subjaz a todos os elementos – homem e natureza – é o que, por algum motivo, denominou-se metafísica. Confundindo-se com a própria história da filosofia.

Essa crença em uma essência, em um *ser em presença* e sua conseqüente explicação, logicização é, para Derrida, a origem de toda a metafísica da presença. O estabelecimento de um centro irradiador de sentido, estruturador de um conjunto de regras e ideias, os quais em um determinado momento histórico, fundariam um discurso. A história ocidental seria uma história das metáforas desse discurso, substituindo-se como função do centro. Essa noção é a base da crítica filosófica de Derrida. E a existência do contraditório – o que vai contra a tradição – é, digamos, a condição da possibilidade dessa crítica, pois está sempre solapando, corroendo o sentido de verdade do discurso. Já que este, antes de tudo, é expresso em linguagem. Portanto, é a partir de uma filosofia da linguagem que Derrida criará seus conceitos fundamentais de desconstrução e descentramento.

Esse debruçar-se teórico sobre a linguagem é recente na filosofia. Como notamos, em Heráclito, o que importava era o exterior do mundo, sua objetividade, do qual o homem, por fazer parte, funcionaria similarmente, tendo acesso à sua compreensão. Assim, o logos em Heráclito, as ideias transcendentais em Platão, a física aristotélica e a escolástica cristã só tratariam a linguagem como uma forma de se chegar à substância metafísica. A linguagem

¹ KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*, p. 193.

numérica – a matemática – também era usada como tal: Pitágoras e Descartes. Porém, só com o idealismo kantiano ocorreria a grande virada copernicana de mudança de eixo: a ideia da subjetividade, do mundo como algo percebido pelo homem, enfim, um ponto de vista humano. Kant não individualizou o ser humano, posto que a percepção foi descrita em termos de categorias universais. Mas os conceitos do *para si* e do *em si*² pesavam na balança para o lado do homem. Mais precisamente para sua mente – era o início da Fenomenologia. Hegel deu continuação ao idealismo kantiano sistematizando-o rigorosamente. A filosofia atinge com Hegel, talvez, seu grau máximo de abstração lógica semantizada na linguagem oral-escrita. Marx, invertendo a dialética idealista hegeliana, novamente desloca o centro para a matéria. Entretanto, no materialismo marxista, notamos aquela substituição de centro, já que a origem, mesmo dialética como em Hegel, e também em Heráclito, não está em uma presença clara – o fogo, por exemplo –, mas em um processo de relações econômico-sociais não fixado em um elemento definidor. Ousaria dizer que o pensamento marxista seria um tipo de estruturalismo diacrônico, centrado na evolução histórica.

A segunda grande mudança paradigmática aconteceria nos primeiros estertores do século XIX, com a desconfiança, de um denominado espírito moderno, pelo modo de enunciação lógica herdada dos gregos. Houve uma transformação não apenas no conteúdo das ideias, mas na própria maneira de pensar. Fato esse extremamente denotado no tipo de discurso linguístico criado na época. Nietzsche seria o expoente filosófico mais representativo dessa nova episteme. Por meio de aforismos, enunciados que não se permitiam uma redução a um sentido claro ou exato, lançou um antimétodo – que, em oposição à maiêutica socrática, ampliava as possibilidades de interpretação latentes em sua escritura. Observamos, nesse período, um fato de grande importância: uma tendência tangencial, de encontro, entre os discursos literário e filosófico, uma assíntota entre Rimbaud e Nietzsche.

Em paralelo, com a crescente normatização da Psicologia, o logos começava a investigar a mente humana. A criação da Psicanálise por Freud é o nascimento de todo um outro campo de discursividade. Ao investigar os sonhos, Freud entra no mundo contraditório. Tentando atribuir uma lógica a um oceano nunca antes navegado: a imaginação onírica, historicamente marginalizada, esquerdizada pela linha *mainstream* do pensar. Estaria ele dando lógica ao ilógico? E por que seria o onírico ilógico? Voltando à expressão de Derrida – o “contraditoriamente coerente” –, Freud afirma que isso só é possível como a expressão de

² O homem só percebe o mundo como um *para si*, não podendo nunca ter acesso à essência original do qual é composto, seu *em si*.

um desejo³. O mundo lógico é feito de um encadeamento sequencial a que estamos acostumados enquanto seres pertencentes a um cosmos e a uma sociedade de comportamento previsível e pré-determinado. Assim, por exemplo, vemos os objetos caírem e não subirem, quando soltos no ar⁴. No entanto, no sonho tudo é possível, a sequência é aleatória. Nós flutuamos, rompendo as amarras de qualquer mecânica newtoniana. A Psicanálise seria, como nas palavras de Gilbert Durand, “uma hermenêutica redutora”, criando, por meio do método associativo de interpretação dos sonhos, uma racionalidade para a qual, a princípio, é incompreensível.

É válido neste momento abriremos espaço para uma abordagem do método científico. A concepção da criação científica mudou radicalmente no século XX com o desenvolvimento da Teoria da Relatividade, da microfísica, e com o princípio da incerteza de Heisenberg. A evolução da física contemporânea deslocou o caráter mecanicista e puramente determinista que a ciência assumiu quando de sua separação da filosofia, originada pelo pensamento cartesiano e pelo experimentalismo de Roger Bacon. A linguagem matemática, que antes concebia o número como valor único, expressão última da verdade científica, também sofreu uma mudança de paradigmas. A ideia de um mundo como representação do homem, no dizer de Schopenhauer, passou a fazer parte do *corpus* científico. A ciência do certo, ancorada nos métodos indutivo e dedutivo da lógica formal, ampliou seu campo de verdade para uma ciência do provável, que tem no aleatório sua base de investigação, e para uma ciência do percebido, inspirada no idealismo filosófico kantiano. Então, assim como a linguagem oral-escrita, a ideia da matemática como narradora do mundo se modificou. Agora, “a ciência suscita um mundo por um impulso racional, construindo-o à imagem da razão”⁵. Uma radical diferença, porém, pode ser estabelecida entre a teoria científica e a tecnologia como sua prática. Esta apropria-se das descobertas teóricas, fazendo uso apenas, em uma perspectiva teleológica, das que lhe são convenientes para um determinado fim. Guiada pelos interesses político-econômicos, a técnica continua centrando o logos na natureza. Apreendendo as suas leis e formas estruturais, fabrica um mundo analógico, sob o seu feitio. Como se, de alguma maneira, a teoria e a técnica estivessem se desviando em seus trajetos. Uma interessante questão a levantar é, a saber, se a linguagem numérica teria o mesmo poder, concedido pela

³ A coerência na contradição, para Freud, expressa a força de um desejo. Um símbolo dado é entendido contraditoriamente como o desejo de realizar e, ao mesmo tempo, suprimir a sua carência.

⁴ Os apriorísticos kantianos de tempo e espaço, as categorias pelas quais o homem percebe o *em si*, que podem ser traduzidos pela aritmética (como sequência numérica no tempo), e pela geometria (análise das ligações dos pontos e formas no espaço).

⁵ BACHELARD apud MOLES, 2010, p. 44.

filosofia à linguagem oral-escrita, de criar um mundo à imagem do homem. Entretanto, como a ciência, segundo Nietzsche, é uma mera escrava da filosofia, voltemos a esta.

A insistência da ideia da metafísica da presença em Derrida toma tal intensidade que nem mesmo o rigoroso pensamento niilista de Heidegger é poupado. Ele é normalmente apresentado como o filósofo de maior poder contestador ao sistema metafísico. Sua ideia do Ser como *Dasein*, grosso modo, um nada caleidoscópico estabelecendo-se a cada momento na existência, é de espantosa originalidade. Contudo, Derrida, na obra *A gramatologia*, analisa e critica seus principais conceitos, demonstrando que ele foi um continuador da tradição histórico-metafísica, pois criou outro centro condensador, uma espécie de buraco negro, um nada-tudo. Assim, o princípio de existência substituindo o de essência não derrubaria a metafísica, mas se constituiria como mais uma nomenclatura dada a um centro originário de uma presença, tais como: *eidós*, *arquê*, *telos*, *energeia*; ou essência, substância, sujeito, consciência, Deus, homem etc.⁶. É válido observar, de qualquer modo, que a visão de Heidegger, do ser como um vazio só assumindo um sentido *a posteriori*, identifica-se com a teoria da linguagem pós-estruturalista de Derrida, dada a ênfase deste em negar qualquer significado preestabelecido ao signo linguístico. Em suma, para Derrida, as teorias de Nietzsche, Freud e Heidegger supõem uma tentativa de descentramento. Mas seus discursos foram como que bloqueados pelo choque entre a herança da história da metafísica e a tentativa de destruição desta.

II – O Estruturalismo e a Linguística saussureana

Na quase totalidade dos escritos de Derrida, observamos a preocupação de pensar o conceito de estrutura – dominante, na segunda metade do século XX, em várias áreas das Ciências Humanas. Os anos 1960, durante os quais escreveu suas principais obras, talvez tenham sido um contexto histórico determinante para o desenvolvimento da corrente pós-estruturalista⁷. Necessitava-se de liberdade acima de tudo – a imaginação no poder –, e o método estruturalista com seu arcabouço de relações lógicas só contribuía com grilhões para o exercício daquela.

A noção de estrutura, no entanto, não é originária com o advento, no início do século, da Linguística Estruturalista de Saussure. A concepção, natural ao ser humano, de perceber o mundo através de certas operações mentais – paralelismos, oposições, inversões, equivalências etc. – já era discorrida pela filosofia kantiana e hegeliana. Edmund Husserl

⁶ DERRIDA, 2002, p. 231.

⁷ Toda uma corrente de pensamento se forma nessa época: cf. Foucault, Barthes, Kristeva, entre outros.

também discute a origem do termo *estrutura* em sua teoria fenomenológica⁸. O que Saussure realmente concebeu foi um método de análise estrutural, o qual resultou extremamente positivo em áreas diversas como a da Análise Literária, da Antropologia, da Economia, da Semiótica. Ao desenvolvimento da Antropologia Estrutural por Claude Lévi-Strauss, Derrida atribui um grande passo para a queda do etnocentrismo, e a consequente desconstrução do logocentrismo do pensamento ocidental. Isso é por ele exemplificado na escolha de duas questões básicas da pesquisa antropológica de Lévi-Strauss. A primeira seria a descoberta do tabu do incesto. Este pertenceria tanto ao axioma da natureza – o que é universal e espontâneo, não dependendo de nenhuma particular cultura ou norma – como ao da cultura – inversamente, aquilo que depende de um sistema de normas reguladoras, variáveis de uma estrutura social à outra. Portanto, o tabu do incesto seria impensável dentro dessa oposição, contradizendo-a de maneira a desconstruí-la – segundo Derrida, o logocentrismo do pensamento ocidental é construído a partir de categorias de oposições binárias, em uma hierarquia de prevalência entre elas. Desta forma, teríamos: corpo/alma, forma/conteúdo, natureza/cultura, sensível/inteligível, e assim por diante –, ele não apenas choca-se contra ela, mas a precede como condição de sua possibilidade.

A segunda questão é a criação de um método para a análise dos mitos – o *mythological* – que apareceria como um novo status do discurso – “a afirmação abandonada de toda referência a um centro privilegiado, um sujeito, uma origem ou absoluto *archê*”⁹. A análise dos mitos levantaria um problema metodológico, pois não poderia mais funcionar de acordo com o princípio cartesiano de resolver uma dificuldade quebrando-a em quantas partes fossem necessárias para se achar uma solução – o chamado *breaking down process*.

A linguística estrutural de Saussure enquadra-se naquele espaço histórico de desmistificação da metafísica clássica ao qual pertencem Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein¹⁰. Esse grupo repudiava a tradição aristotélica da linguagem como pura representação de ideias nascidas na alma ou na mente. Saussure, especificamente, dirige sua crítica à concepção originada em Santo Agostinho e adotada por Locke: o signo referindo-se a um objeto ou conceito. Neste sentido, ele se coloca em paralelo tanto à Psicanálise quanto ao Marxismo, para os quais a verdadeira realidade nunca é aquela manifestada pela consciência, assumindo uma perspectiva da linguagem como formadora e determinadora do próprio

⁸ “O estruturalismo moderno surgiu e se desenvolveu na dependência, mais ou menos direta e confessada, da fenomenologia”. DERRIDA, 2002, p. 48.

⁹ DERRIDA, 2002, p. 244.

¹⁰ Podemos dizer que esses quatro nomes formam a base de todo o desenvolvimento de uma filosofia da linguagem dominante nas correntes teóricas posteriores.

sujeito. Daí advém sua visão da linguagem definida em um sistema estrutural¹¹, composto por oposições binárias. A criação dos seus conceitos em termos de pares opostos faz com que Derrida também insira a linguística estrutural na tradição metafísica, pois ela manteria, em seu campo intrinsecamente relacional, um valor de centro.

As três principais oposições conceituais criadas por Saussure são a sincronia e a diacronia – a necessidade da estrutura de ser analisada em um lapso de tempo histórico, no qual suas relações tornar-se-iam visíveis; a *langue* e a *parole* – a língua como um reservatório virtual de signos sendo atualizado no ato da escolha da fala; o significado e o significante¹² – o significante não seria a pura manifestação física do signo, como normalmente cremos, mas a reação mental (uma imagem acústica ou visual) à sua presença, estabelecendo um nível semântico, o significado. Desta última divisão deriva o conceito de diferença. O par significado-significante só existiria como uma noção negativa resultante da sua diferença em relação a todos os outros signos. Seu corolário é a impossibilidade de se definir a identidade do signo, a não ser em termos de ausências comuns. É importante notar como Derrida se apropria dos conceitos de Saussure, usando-os a tal ponto que fica difícil localizar exatamente os dois autores¹³. Outra noção – quase obsessiva no Estruturalismo – é a linguagem como jogo. Foi também criada por Saussure, que citava o xadrez como sua melhor metáfora. No entanto, assim como o xadrez, a linguística estrutural consistiria em uma combinação previamente codificada em relação a qual o falante teria pouco poder transformador. Um sistema pré-fabricador de nossos significados, chegando ao ponto de pensar por nós mesmos.

Para Derrida, superar a metafísica demandaria um questionamento mais fundamental do que o empreendido pelos estruturalistas. Mas, como se estabeleceria essa tentativa? Solapando a linguagem por meio de estratégias desconstrutivistas que trabalhassem nos limites dessa própria linguagem.

A crítica-chave de Derrida a Saussure foi que este não atentou para o privilégio da voz – *phoné* – existindo como centro do discurso, relegando a escrita a uma mera representação da palavra falada. O que se manifestaria como um fonocentrismo identificador de um logocentrismo. O grande empreendimento, ou pretensão, de Derrida foi a tentativa de criar

¹¹ Saussure levanta o problema de uma distinção entre um sujeito autônomo e um sistema existente fora, ou alheio à sua consciência.

¹² Acredito ser a mais importante divisão conceitual criada por Saussure, porquanto serve de base de reflexão para toda a Teoria Estruturalista, como também para a corrente pós-estruturalista.

¹³ Um exemplo desse uso é a definição de Derrida da escritura como o “significante do significante”, em *A gramatologia*, p. 8. Ele se defenderia dizendo que deveríamos ler Saussure contra Saussure, colocando seus conceitos em choque.

uma ciência da escritura¹⁴ – Gramatologia –, a qual basicamente se concentraria no estudo dos *arché-writing* – uma escrita primeira, original –, em que os textos seriam lidos contra eles mesmos. Se não podemos ler os textos além da metafísica, podemos pensá-los sob eles, apagando-os, colocando um x. Os *arché-writing* quebrariam a influência da metafísica da presença, funcionando no espaço antes preenchido pelo logos. A linguagem deveria ser verdadeiramente autônoma, uma espécie de sempre-já.

Assim, a metáfora do jogo de xadrez de Saussure estaria associada na linguagem a um determinismo da fala. Pois, apesar de podermos a cada jogada redimensionar nosso campo de possibilidades, somos obrigados a jogar com determinados tipos de peças – cavalo, bispo etc. – em movimentos pré-estabelecidos. O princípio estrutural da diferencialidade toma, em Derrida, o sentido para o qual criou um neologismo – *différance*. Este designaria o funcionamento diferencial dos signos em oposição a outros, em uma dependência e referência *inter-reflexiva*, originando um excesso de significações que nunca poderão ser delimitados por um centro ou significado último do discurso. O jogo pós-estrutural sempre ultrapassaria qualquer tentativa de limitar sua possibilidade. A noção decorrente da *différance* é a de traço¹⁵ – termo resultante do efeito do jogo de diferenças sígnicas. Com esses dois conceitos Derrida propõe uma alternativa para o pensamento como presença. Acreditando que nada na linguagem (elemento ou sistema) existe em presença ou ausência, mas só enquanto texto.

Em síntese, para criar um campo definitório para sua visão da escritura, Derrida ampliou e reformulou os conceitos de Saussure, direcionando-os para um descondicionamento da linguagem. Uma explosão de amarras, no sentido de uma dança livre de signos. Uma espécie de flutuar onírico de significantes predominando sobre qualquer significação final.

Conclusão

Somos condicionados a ver o mundo como um grande livro transcendental. Uma escrita de Deus na qual não podemos intervir, mas tão somente ler e apreender seus ensinamentos, suas letras. O movimento das ondas, as formas do tigre, o tempo, enfim, tudo já estaria escrito acima de nós, em um infundável espaço metafórico. Nosso dedo não tocaria sua carne translúcida, e as portas abrir-se-iam à nossa frente sem que nós a solicitássemos.

¹⁴ A ciência, para Derrida, sempre esteve mais próxima da superação do logos por fazer um apelo, cada vez maior, à escrita não fonética. DERRIDA, 2004, p. 4.

¹⁵ A palavra não mais representaria uma manifestação de um logos transcendente, podendo ser tomada como um traço de todas as outras palavras. Textos são o tecido de todos os outros textos. A intertextualidade para Derrida é comparável à proposta de Wittgstein de que nosso mundo de significados corresponde à totalidade da nossa linguagem. THIERER, 1984, p. 87-88.

Temos apenas um caminho, o de copiar o livro. Mas será que somos tão bons escribas a ponto de reproduzirmos suas linhas à perfeição? A ponto de traduzir sua lógica de forma exata, em uma total analogia? Não correríamos o risco de criar um admirável, ou abominável, novo mundo?

E se, por outro lado, em uma espécie de lapso mágico do tempo, esquecêssemos aquele livro para escrever outro, só nosso, só meu? Esse não seria *o livro*, e sim, *um texto*. E o que ele diria? Não sei. Foge à nossa compreensão. É apenas uma escritura, nada mais.

Poe, em sua *Eureka*, fixa o ano de 2848 como o da libertação do pensamento lógico. Talvez seja o caso de perguntar se até aquela data Derrida continuaria a ser taxado e criticado pelo seu estranho modo de pensar e escrever¹⁶. A verdade é uma ideia infinita, diria Kant; ou em uma bela imagem borgiana, a soma de todos os livros, de todas as bibliotecas, podendo ser sintetizada em uma única palavra.

O fato é que o questionamento do *livro* continua sendo raro entre os homens, ato de minorias. No entanto, é da minoria que a literatura se nutre. E é visivelmente clara a aproximação da filosofia de Derrida com a literatura moderna. Apropriando-se da forma literária para discorrer seus questionamentos filosóficos, poderíamos dizer que, assim como Borges é um filósofo na literatura, Derrida é o oposto, introduzindo um labirinto borgiano em seu pensamento teórico. É um filósofo-poeta, preconizador visionário do futuro, o qual, como em suas palavras, só se pode antecipar na forma de um perigo absoluto.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luís. *O aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. *A gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREADMAN, Richard; MILLER, Seumas. *Repensando a teoria: uma crítica da teoria literária contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MOLES, Abraham. *A criação científica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

¹⁶ Como no caso da crítica feita por Freadman e Miller, que o analisam sob uma ótica estritamente lógico-formal. FREADMAN, Richard; MILLER, Seumas. *Repensando a teoria*, 1994.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

THIHER, Allen. *Words in reflection: modern language theory and postmodern fiction*.

Chicago: University of Chicago Press, 1984.